

CARACTERÍSTICAS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

por Marble C. Dunbar, PhD.

O que é a violência doméstica?

A violência doméstica ou abuso é um padrão de comportamentos controladores intencionais exercidos sobre a vítima e destinados a alcançar a submissão e consentimento dela sem levar em conta seus direitos. Tais comportamentos podem ser praticados por adultos e adolescentes sobre seus parceiros, quer seja em uma ligação atual ou anterior de namoro ou no casamento, ou contra alguém do seu relacionamento. A violência doméstica é uma combinação de força física ou imposição do medo com o objetivo de causar danos físicos, psicológicos, sociais, religiosos, econômicos, mentais ou emocionais às vítimas.

As estatísticas revelam que o maior número de agressões são cometidas por homens contra as mulheres. “Em 1990, a Pesquisa Nacional Sobre o Crime nos EUA apresentou uma estimativa de que, nos anos 1979 e 1987, pelo menos 626 mil mulheres foram agredidas pelo marido ou namorado a cada ano.” (Antonia C. Novello, *Journal of the American Medical Association*, 17 de Junho de 1992, págs. 3132.) Assim, os termos agressor, estuprador, seqüestrador, ofensor são usados para definir alguém que pratica alguma forma de abuso. Os termos agredido, abusado, vítima, sobrevivente são usados para definir a pessoa que sofreu abuso. Devemos ter em mente, porém, que qualquer pessoa pode se tornar um agressor ou uma vítima de qualquer forma de abuso.

Há inúmeras formas de violência ou abuso doméstico: físico, sexual, ritualístico, verbal, emocional, religioso, dominador, econômico, o silêncio, a utilização de crianças, ameaças, intimidação, abuso entre irmãos, violência cultural, isolamento, pessoal, institucional e de testemunho do abuso, entre outras. No entanto, todas elas têm o mesmo denominador comum: o desejo do agressor de obter e manter a FORÇA e o CONTROLE no relacionamento.

Muito cedo na vida as crianças observam o relacionamento entre seus pais, babás e outros adultos. Se vivem em lares onde se comete alguma forma de abuso, as mensagens que recebem trazem conseqüências no seu desenvolvimento provocando disfunções na forma de pensar e de se comportar durante o crescimento e vão determinar o seu modelo de relacionamento pessoal. Parece haver uma correlação direta entre vítimas e agressores que testemunharam o abuso na infância e a sua iniciação ou tolerância à violência na fase adulta.

“Meninos adolescentes expostos à violência doméstica podem usar da agressão como uma forma predominante para resolver seus problemas; culpam os outros e demonstram um alto grau de ansiedade. As meninas são mais propensas a demonstrar timidez, retração, passividade, apego e comportamento dependente.” (Boletim Informativo *Children of Men Who Batter* [Filhos de Pais Agressores 1993, pág. 2.]

“Homens violentos parecem ter inúmeros traços comuns. Um histórico de violência familiar está sempre no topo da lista.” (Carolline Knapp. *A Plague of Murders: Open Season to*

Women. (A Praga dos Assassinos: Temporada Aberta Para Mulheres) The Boston Phoenix, Agosto de 1992.)

“Estudos sobre mulheres que sofreram agressão indicam que uma alta porcentagem tem a ver com lares onde se praticava o abuso. Pesquisas sobre as vítimas de incesto apontam também para uma forte tendência de as pessoas se tornarem envolvidas em formas de relacionamento agressor ou abusivo quando adultas. Pessoas com um histórico de abuso sexual ou físico na infância, ou mesmo aquelas que testemunharam um comportamento abusivo no lar são mais propensas a aceitar esse estado de coisas como parte da interação no meio familiar.” (Ângela Browne, *Assault and Homicide at Home: When Battered Women Kill*, *Advances in Applied Psychology* [Estupro e Homicídio no Lar: Quando Mulheres Violentadas Matam], *Avanços na Psicologia Aplicada*, v.3, Ed., M.J. Saks and L. Saxe, Hillsdale, J. Lawrence Erlbaum Associates, Inc., pág. 70.)

“Pessoas que foram abusadas quando crianças são presas pela polícia quatro vezes mais que aquelas que não sofreram abuso.” (R. Gelles & M. Strauss, *Intimate Violence* [Violência Familiar], New York. Simon & Schuster, 1998.)

“Um terço das mulheres que experimentaram a violência na família quando crianças estão mais propensas a passar pela mesma experiência no casamento em relação àquelas que não sofreram violência.” (Mark A. Schulman, *A Survey of Spousal Violence Against Women in Kentucky* [Pesquisa Sobre Violência Matrimonial Contra Mulheres no Kentucky / Departamento de Justiça], Washington, DC: U.S. Department of Justice, 1987, p. 2).

“No estudo que fizeram, Parker e Schumacher relataram que 68.4% das esposas que sofreram abuso são de mães que também sofreram abuso.” (Alan Rosenbaum and K. Daniel O’Leary, *Children: The Unintended Victims of Marital Violence*, *American Journal of Orthopsychiatry* [Crianças: Vítimas Não-intencionais da Violência Matrimonial – Revista Americana de Ortofisiatria], Vol. 51, No. 4., October 1981, pp. 694-695).

É triste dizer que vemos comportamentos violentos e abusivos em muitas crianças que freqüentam nossas igrejas e escolas. Se é nosso desejo que as crianças tenham uma experiência de vida satisfatória, produtiva e livre do abuso, devemos tornar-nos modelos positivos para elas, porque as crianças vão viver de acordo com o que aprendem.

SE UMA CRIANÇA...

Se uma criança vive sob críticas, aprende a condenar.

Se uma criança vive em um ambiente de hostilidade, aprende a brigar.

Se uma criança vive sendo humilhada, aprende a ser tímida.

Se uma criança vive sendo envergonhada, aprende a sentir-se culpada.

Se uma criança vive em um ambiente de tolerância, aprende a ser paciente.

Se uma criança é valorizada, aprende a valorizar.

Se uma criança vive com justiça, aprende a ser justa.

Se uma é estimulada, aprende a ter estima própria.

Se uma criança vive com segurança, aprende a confiar.

Se uma criança é bem aceita, aprende a respeitar.

Se uma criança vive sob aprovação, aprende a gostar de si mesma.

Se uma criança vive em um ambiente de amizade, aprende a encontrar o amor no mundo.

Se uma criança é amada, aprende a amar o próximo.

Se uma criança vive em um ambiente onde há louvor e a adoração, aprende a amar a Deus.

Autor Desconhecido

Nossas crianças estão observando nosso comportamento, como nos tratamos a nós mesmos, como tratamos os outros no lar, na igreja e na escola. Elas ouvem o que dizemos, como dizemos e com quem conversamos. Precisamos educá-las sobre os vários temas da vida que possam impactá-las de forma negativa. Devemos conversar com elas sobre o rapto, seqüestro, HIV/AIDS, drogas, uso do álcool e do fumo (e, quando necessário, sobre sexo e aborto).

É de vital importância que conversemos com elas a respeito dos Dez Mandamentos, de ter o dia de guarda como sagrado, que é o plano de Deus não se divorciar ou cometer adultério, respeitar o que é propriedade de outras pessoas, não julgar e ficar sempre dentro das leis civis do país. No entanto, quantas vezes estamos nós dizendo a elas para manterem sua individualidade, manterem sua própria identidade para não ficarem em uma posição em que outros venham a fazer uso da força sobre elas ou tentar controlá-las? Deus fez cada um de nós, e isso inclui nossos filhos, que têm direitos individuais: o direito de cada um ser quem realmente é, o direito à individualidade, o direito de pensar, sentir e agir.

“Cada ser humano é criado à imagem de Deus, dotado de certa faculdade própria do Criador - a individualidade - faculdade esta de pensar e agir. ... É a obra da verdadeira educação desenvolver essa faculdade, preparar os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem.” – *Educação*, pág. 17.

Mesmo sendo a violência um comportamento que se aprende, pode ser desaprendido pela “renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.” *Romanos 12:2*.

Usado com Permissão por Marble Dunbar, International Ministries, União de Columbia, EUA.